



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

FORMAÇÃO E IDENTIDADE CARMELITANA

A identidade carmelitana na atual conjuntura eclesial

PRIMEIRA PARTE

O CAMINHO DA FORMAÇÃO

1. NA PALAVRA BUSCAR A LUZ (Mc 8,22-26)

1 - Para penetrar nas questões que temos de tratar, decidi recorrer com freqüência à luz da Palavra. Porque ela é "útil para ensinar a verdade, para convencer, para corrigir os erros e educar a viver segundo a justiça" (2Tm 3,16). Não será uma leitura mágica à procura de soluções taumatúrgicas que nos dispensem do trabalho de compreender e interpretar. Serão indicações de veredas a percorrer e de horizontes a habitar, mas com risco pessoal.

2 - O texto de Mc 8,22-26 não é apenas a narração de uma cura, mas uma situação parabólica, que se interpreta colocando-nos em jogo. Trata-se de um cego anônimo, que mora em Betsaida, a terra de Pedro, André e Filipe. A cura dele acontece através de um processo que vale a pena analisar e interpretar. Na verdade muito se assemelha ao trabalho de formação com as suas etapas, momentos de ruptura, resultados e constatações.

- **Notemos a passividade e a dependência do cego:** não pede nada, deixa-se conduzir primeiro até Jesus e, em seguida, para fora da aldeia. O seu primeiro gesto voluntário é "erguer os olhos" e responder à pergunta. Até mesmo que se engane no ver as coisas, aquela resposta é fundamental.

- **Notemos a pedagogia de Jesus:** toma-o pela mão, leva-o para fora do ambiente habitual, faz com que sinta, com os gestos das mãos, que está preocupado com o seu sofrimento. Jesus não tem pressa e vai agindo conforme às exigências do cego até à sua cura completa.

- **O processo inteiro não é lento somente, mas é também envolvente.** Visto que o cego está na "desgraça" por dentro. Era necessário acordar a sua personalidade e não somente dar-lhe a possibilidade de enxergar. Por isto Jesus o envolveu com a pergunta; e, por isto também, no fim se faz a avaliação da terapia: "estava enxergando de maneira clara, sã, perfeita".

- **A volta para "casa",** e não para a aldeia, tem um valor simbólico evidente: ele deve habitar na sua nova identidade, exercitar a capacidade de ver de modo claro e objetivo, sadio e não complexado, amadurecido e sob justa proporção dos planos de visão. A aldeia representa a situação anterior: dependente, infeliz, sem identidade (nome), não autônomo.

3 - O *significado* da pequenina narrativa se enriquece ainda mais se tivermos presente o contexto. Estamos na grande viagem, que Marcos está também descrevendo e que terminará com a cena de Bartimeu, que lança fora a capa (Mc 10,46-52). Os discípulos estão fazendo resistência às exigências de radicalismo por parte de Jesus (que se prolongam até o fim do capítulo 10). Confundem árvores e gente, seguem atrás de Jesus com má vontade, exigindo explicações e garantias, estão amedrontados e perturbados. Não têm a liberdade do coração, não enxergam de maneira clara, livre, madura, mas somente egoísta, trancados dentro da sua "aldeia", protegendo-se com "capas" de bom senso e de egoísmo.

- **O verdadeiro seguimento** de Jesus exige confiança, apesar do risco evidente, exige caminhar mão na mão, gestos tangíveis e despertar interior, perguntas e repostas em sintonia e



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

colaboração; exige etapas de cura e de amadurecimento. Se não se entra no jogo com seriedade, não se realiza a cura mais profunda, mas só a superficial.

- **E depois, a verificação da cura** acontecida não consiste no olhar-se nos olhos, mas no olhar juntos para frente, de tal modo que a vida seja transparente e clara, sã de patologias e medos, capaz de medir as coisas com justo distanciamento. Mas também é preciso habitar a "aldeia", quer dizer, esta história e esta conjuntura, com uma identidade serena e sólida, exercitando a arte de discernir sem apresentar-se como "miraculados".

Trabalho pessoal e em grupo:

- 1 - Tente comentar para o "processo de formação" sob a luz de Mc 8,22-26.
- 2 - Quais são as "aldeias" donde se deve sair para uma boa formação?

2. COME SERIAM OS JOVENS HOJE?

1. Fundamentalmente é este o escopo da formação.

Conseguir tornar as pessoas livres das suas enfermidades, de modo que com toda a dignidade sirvam ao Senhor e o amem de coração sincero. Conteúdo e ritmo de formação devem servir não para recurvar as pessoas, mas colocá-las em pé, em toda a sua dignidade. Quantas vezes, ao contrário, têm-se a impressão de que através do percurso de formação jovens cheios de vida e de iniciativa saem sem mais capacidade de serem livres, audazes, eretos. São "meras personagens", mas sem entusiasmo, egoístas, acriançados, aburguesados.

Os *jovens*, mais do que no passado, encontram-se numa fragilidade vocacional que precisamos tomar em séria consideração, com uma estratégia de sustento e discernimento. Até sob o ponto de vista "religioso" são às vezes pequenos "monstros": alguns têm as mãos muito grandes e compridas para o ativismo pastoral ou caritativo, mas a cabeça pequena e o coração constricto. Outros têm um sentimento muito desenvolvido, um gosto pelas coisas religiosas de consumo (uma verdadeira bulimia), mas depois são incapazes de decisões acertadas e de constância nas dificuldades. Em conseqüência a vida se torna não um todo coerente, mas um modo de viver fragmentado, incoerente, superficial, sem harmonia, cheio de ansiedades.

2. Vejamos alguns aspectos desta fragilidade.

- **Incapacidade de decisões definitivas:** a vida de fé não mantém o ímpeto quanto ao futuro; antes se satisfaz com fortes emoções de valores secundários. Por isto procuram ansiosamente reconhecimento: títulos, amizades, estima, fama e carreira. Sentem-se chamados para o dia de hoje, talvez não, porém, para o dia de amanhã.

Débil, portanto, a capacidade de fazer projetos de vida, visto não quererem ter depois desilusões.

- **Incerteza de identidade vocacional:** tende-se a ver: "que é que você faz?", "que é que você tem?", e não, "quem é você?". O primado de Deus e o dom de si mesmo, o seguimento radical de Cristo, a vida fraterna em comunidade, a autoformação permanente, todos estes grandes valores ideais da consagração tornam-se vazios, sem força e sem sustentação. Muitos jovens provavelmente gostam da "religião", contudo, não têm uma verdadeira "fé": são religiosos, mas não são "crentes", e não encontra em Jesus Cristo o absoluto. Nutrem antes a ilusão pastoral de poderem bancar os líderes, serem pastores e guias, derramando o seu frágil inconsciente sobre estas funções clericais.



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

- **Busca de segurança:** a crise da sociedade e o rápido mudar-se de situações põem todo mundo em dificuldades. Os jovens o ressentem mais do que todos. Por isso procuram uma comunidade como garantia de comodidade e de relacionamentos de amizade. Gozam de muita expectativa por parte da comunidade, mas têm pouca vontade de dar-se à comunidade. Surgem assim dificuldades de relacionamento que levam a uma crítica dura e egoísta. É um desafio para a proposta de formação. Deve-se ver aí uma oportunidade, que é preciso amadurecer.

3. Esta fenomenologia pode explicar-se de muitas maneiras.

Em cada contexto cultural existem causas próprias e situações comuns ao mundo dos jovens. Entre as causas indicarei, ao menos, estas em geral:

- **Frágil amadurecimento humano:** há algumas áreas claras e evidentes, como a identidade, a afetividade e a sexualidade. Precisamos saber ver a realidade complexa da maturidade humana, e ajudar os jovens a se deixarem acompanhar até à maturidade (em geral não têm esta vontade). Faltam modelos de referência, não sabem integrar as experiências negativas, é carente o senso de misericórdia motivo porque não reconhecem a própria fraqueza e nem sequer a dos outros. E tornam-se duros e críticos em nome de ideais teóricos.

- **Fraqueza na fé e na vida interior,** vivem de sensações religiosas, e a escolha de vida religiosa se mescla com o desejo de sair da pobreza, conseguir um reconhecimento social, uma promoção cultural. Precisamos verificar se os jovens têm uma vida espiritual profunda, uma adesão a Cristo e aos seus sentimentos com total disponibilidade a pagar o preço. É preciso interrogar-se se existe o senso da gratuidade, da personalização das motivações, do risco pela fé radical.

- **Caminhos de formação dispersivos e confusos:** muitas vezes a formação que nós damos é fraca, dispersa por muitos interesses, emaranhada de experiências dispersivas. A diversidade disforme entre formadores sucessivos faz o resto: não se chega a uma harmonia de percursos, mas somente à contradição. O coração não chega a ser formado, mas apenas a mente é enchida de noções e palavras de ordem.

- **A comunidade e a sua vida:** muitas vezes não é o suporte vital, mas só um contexto ocasional e dispersivo. Há um mal-estar nas comunidades, onde os jovens se formam, sem relacionamentos interpessoais autênticos e orientadores. Muitos compromissos ao mesmo tempo, que dilaceram o ritmo da formação e não permitem personalizar a sustentação. A atividade prevalece muitas vezes sobre o trabalho de formação. E então se procuram fora compreensão e apoio afetivo, enquanto que em comunidade se "faz" qualquer coisa para contentar, sem deixar-se envolver de verdade.

Trabalho pessoal e em grupo:

- 1 - Que fragilidades vocacionais você descobre nos jovens que você encontra?
- 2 - Você sabe identificar alguma outra causa da fragilidade vocacional?

3. FORMAR À IDENTIDADE DA VIDA CONSAGRADA

[indicação do livro *O Perfume di Betânia*, Loyola 1997, pp 58-68]

4. FORMAR À ESPECIFICIDADE CARMELITA



1. Nestes anos temos repensado com muita seriedade e até com originalidade as razões da nossa vida e do nosso carisma.

A Regra foi relida e reinterpretada com novas chaves hermenêuticas, que no-la devolveram como projeto carismático original e inspirador. Mas também a nossa história e a nossa espiritualidade foram repensadas e reinterpretadas. Podemos dizer que o canteiro de obras está ainda aberto e que as escavações não terminaram: mas, com certeza, muitas perspectivas mudaram, mas para melhor.

2. *Buscamos a luz na Palavra:*

Desta vez podemos encontrá-la num episódio da primeira evangelização, segundo os Atos dos Apóstolos (At 16, 11-16.40). Trata-se do momento crítico que Paulo enfrenta quando tem medo de entrar na Europa e levar a mensagem do Evangelho a um contexto cultural que não conhecia. Paulo já se havia separado de Barnabé e, na verdade, tem uma autonomia própria e está procurando encontrar uma sua maneira própria de evangelizar. O que ele quer fazer é retornar às comunidades já fundadas na Ásia Menor (atual Anatólia e Turquia), para consolidá-las e eventualmente alargar-se para o nordeste. E, ao invés, encontra grandes obstáculos e deve recurvar-se para o oeste, até chegar à Trôade.

- **Acontece uma visão na noite:** um macedônio lhe pede: "Passa à Macedônia e ajuda-nos". Neste sonho se esclarecem todos aqueles últimos fatos; era Deus quem estava pondo obstáculos aos seus planos muito de baixo perfil. Tinha de tomar coragem e enfrentar o mundo greco-romano para ali anunciar a Palavra.

- **Reação positiva e sem reservas:** a primeira reação após aquela luz que tudo explicava é a de pôr-se em viagem e entrar decisivamente em território europeu. De fato chega a Neápolis e, em seguida, avança para o interior, até Filipos, a primeira cidade importante, quase totalmente latinizada. Não faz um giro pela margem, penetra adentro no território, decidido a enfiar-se totalmente no jogo.

- **A primeira experiência de evangelização** acontece no lugar mais simples possível e pobre, ao longo do rio, em meio a um grupinho de mulheres piedosas, sem sinagoga, sem sinais sagrados. A Europa começou a ser evangelizada assim de uma forma muito simples, laica, num colóquio familiar.

- **Aparece Lídia:** a narrativa salienta a conversão de Lídia, mas é porque o Senhor lhe abre o coração para aderir às palavras pronunciadas por Paulo sobre a Boa-Nova. E se faz batizar com toda a sua família. Melhor ainda, pressiona Paulo - que de hábito queria ser autônomo de todo - a aceitar a sua hospitalidade, sendo dona de certo bem-estar.

- **Organiza-se a presença:** o texto recorda que há um costume de rezar, que parecem durar vários dias; interrompido, porém, pelo aprisionamento de Paulo e Silas. Na prisão se dará também a conversão do carcereiro e da sua família e, logo mais, a libertação de Paulo.

- **Retorno à casa de Lídia:** quando saem da prisão, Paulo e Silas voltam para a casa de Lídia: aquela casa não é mais uma "pressão", mas uma feliz oportunidade. Ali reencontram os irmãos, exortam-se mutuamente, e depois os missionários vão-se embora, para não exasperar os ânimos.

- **Uma grande amizade para com Filipos:** Paulo, durante toda a vida, conservará saudades desta sua comunidade. Pedirá informações sobre a sua vida, enviará amigos para visitá-la. E a regalará, na carta que escreve aos Filipenses, com uma das jóias da fé primitiva, o



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

hino cristológico de Fl 2,5-11. Aquele início tão frágil e incerto permaneceu-lhe no coração, não obstante tivesse sido obrigado a mudar de esquema e a fugir embora.

- **Nós carmelitas nascemos de um modo muito semelhante:** uma grande incerteza e fragilidade nos inícios; uma presença que não durou muito sobre o Monte Carmelo; e, contudo, daqueles inícios conservamos uma saudade intensa. Mas daquela fraqueza brotou também para nós o grande dom de uma *Regra* extremamente simples, leiga, essencial. Ela tem o perfume da vida no estado natural, sem tantas frivolidades. Nós também fomos forçados a fugir embora de lá, mas aquela originalidade frágil nos persegue ainda.

3. Nós se quiséssemos dizer de forma esquemática o que sentimos como importante e decisivo para a nossa identidade carismática, poderíamos dizê-lo nestes pontos:

- **A centralidade de Cristo**, que temos reencontrado na Regra e na tradição, tem, porém, necessidade de ser reinterpretada em sintonia com as novas cristológicas, que nestes anos são particularmente originais. Corremos o risco de ter um Cristo de velha forma, mais próximo das tradições populares do nosso povo do que das novas sensibilidades teológicas. A *Regra* nos assinala algumas exigências cristológicas substanciais, que nós, às vezes, nem sequer sabemos reconhecer, p.ex., o seguimento em vez da imitação, a presença do mistério pascal e não dos mistérios devocionais, a espiritualidade da vida nova e não a da triste mortificação, a espera da volta de Cristo e não o acúmulo de gestos meritórios, a cristologia do serviço e não a do Pantocrátor Majestoso, etc.

- **A centralidade da Palavra:** em conexão com uma fé adulta e aberta ao discernimento. No tempo de hoje temos insistido, por toda a parte, sobre a "lectio divina". Mas às vezes me parece que temos o que ver com uma espécie de neo-devoção à Palavra, e não com a Palavra que julga, interpela, purifica, transforma, educa. Na *Regra* a Palavra não tem o escopo de "abençoar" prescrições ajuizadas, mas de gerar tais prescrições, de iluminá-las e convocá-las para a verdade. As prescrições da *Regra* não são "embelezadas" com citações bíblicas, são sim a Palavra feita práxis quotidiana. Os carmelitas devem ser gente que *sabe* a Palavra, vivendo-a, gente sábia por conaturalidade com a Palavra de sabedoria. Não o contrário.

- **O percurso pessoal na fidelidade:** este aspecto foi também repensado profundamente. A *ratio formationis* (diretrizes da formação) está toda centralizada sobre o processo de *transformação*: uma perspectiva que constringe em profundidade e não um horizonte genérico sem realidade. Falar de transformação para a *Regra* quer dizer um processo que se verifica também nos lugares concretos exteriores e não somente dentro da pessoa. Quer dizer habitar a identidade, não como um produto já confeccionado, mas como uma aventura aberta e carismática. Quer dizer reconhecer o êxito final do processo não no esquema padronizado, mas na liberdade individual levada até à fidelidade serena e fraterna

- **O projeto alternativo de Igreja:** na releitura do projeto de vida da *Regra* descobrimos que o modelo de Igreja, a que se faz referência é um modelo alternativo. No sentido de que se toma distância da forma até hoje dominante de uma Igreja poderosa, centralizadora, severa e agressiva, devota e estática. O modelo de Igreja insinuado e buscado dentro da *Regra* é o de uma Igreja pobre e frágil, vulnerável e fraterna, rica de fraternidade e esperança, de adaptabilidade e flexibilidade. É uma comunidade local e simples, que é ao mesmo tempo ícone de uma comunidade enraizada na Trindade e em companhia..dos homens do próprio tempo, movimento mais do que instituição, pluralista e não uniforme, livre e libertadora. É este o sentido daquelas normas não rígidas, e com tantas ressalvas.



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

- **A fraternidade como sujeito:** este aspecto também foi repensado e proposto. Mas sempre se arrisca recair na vida de comunidade organizada e laboriosa. Mesmo porque de fato as nossas comunidades são justificadas mais pelas atividades pastorais que têm, e não pela convivência fraterna entre irmãos. Enquanto a ordem do dia da comunidade é imposta pela atividade pastoral e não pelas exigências do relacionamento entre pessoas, nós estamos perdendo tempo ao falarmos de fraternidade. Enquanto na formação a preocupação é a de passar velozmente pelas várias etapas, tendo em vista as necessidades pastorais e as urgências numerosas de tipo prático e de trabalho, falar de fraternidade será um jogo hipócrita. Até mesmo o Código (cân. 602) reforça hoje a fraternidade de fé e flexível.

- **Outras perspectivas que salientamos:** falamos de Maria, de Elias e de profetismo, de espiritualidade e contemplação, de justiça e solidariedade, etc. Todas as coisas lindas, que devem, porém interpretadas dentro do esquema dos grandes valores acima citados, para colocá-los em ação e não para anulá-los. Alguma vez estes elementos parecem tornar-se tão centrais e importantes - ao menos da boca pra fora - que se perde de vista a identidade cristã, favorecendo elementos não verdadeiramente centrais e decisivos. Devemos sempre lembrar-nos de formar crentes e não simplesmente religiosos e carmelitas! E, se na verdade queremos formar *crentes*, devemos então aceitar repensar criativamente todo o nosso sistema de vida e de testemunho, mas ainda de discernimento e de apostolado.

Trabalho pessoal e em grupo:

- 1 - Tentemos reler o episódio de Lídia e salientar a sua força de inspiração para nós hoje.
- 2 - Por que o Carmelo tem trabalho em conservar a sua essencialidade originária?
- 3 - Como "refundar" a audácia, a criatividade, a essencialidade das origens nossas?

SEGUNDA PARTE ALGUNS GRANDES TEMAS

1. VIVER EM OBSÉQUIO DE JESUS CRISTO

1 - No Carmelo sempre estivemos convencidos da centralidade do seguimento do Senhor pela nossa vida.

E com os novos comentários da *Regra* a cristologia tem sido melhor entendida e interpretada. E o cristocentrismo foi interpretado de maneira nova e mais inspiradora em comparação com a primeira. Sobretudo o sentido da frase inicial: "Viver em obséquio de Jesus Cristo e servi-lo fielmente de coração puro e consciência reta" (R 2) foi melhor precisado. É a chamada à norma suprema irrenunciável, que deve tudo guiar e filtrar. As várias prescrições da *Regra* são a aplicação prática e séria do *seguimento*.

- **Seguir e não imitar:** temos prestado pouca atenção a este aspecto. E, no entanto é importante, no contexto da nossa *Regra*. Naquele momento era intensa a religiosidade da imitação, da lembrança literal e biográfica. Pensemos no que fez São Francisco e na religiosidade popular do 1200. O Carmelo, ao invés, quis penetrar dinamicamente na identidade e sabedoria do Mestre. Trata-se de um encontro na fé e no amor, na contemplação e na partilha mútua da



mesma causa e da mesma meta. *Seguimento* exige adesão interior, empenho aberto, adaptação e criatividade, diversificação, etc.

- **Uma comunidade de discípulos irmãos é a primeira consequência:** não uma comunidade para fazer alguma coisa, ligada a uma obra a fazer funcionar. Mas um discipulado que se vive em várias modalidades, seguindo o Mestre, e cadenciando o tempo de acordo com o grande mistério da salvação. Veja-se o ritmo da ascese e o do combate: estão ligados à Páscoa e às exigências do Batismo (Páscoa pessoal).

- **Viver em Cristo:** encontramos algumas vezes esta expressão (R 1; 18; 20). Não se trata de uma indicação genérica, mas de um valor intenso. Isto quer dizer habitar na Palavra para ser impregnados e habitados pela Palavra (R 10; 19; 22) em todas as situações da vida. E, de fato, a *Regra* é como uma grande *lectio divina*, que traduz em decisões práticas, coerentes, toda a sabedoria da Palavra.

- **Viver na presença sacramental de Cristo:** sobretudo na celebração da Missa se se mostra isto central e fonte de um dinamismo transformador, excepcional. Para lá devem, cada dia *vir juntos (convenire debeat)* e de lá apreender forma e estilo nos relacionamentos mútuos. Mas podemos reconhecer que há ainda outros sinais "sacramentais", que se ressaltam: antes de tudo os irmãos e a sua participação viva no projeto (*propositum*); as autoridades constituídas (o prior, o patriarca, os santos padres...) são mediação e epifania de uma presença de Cristo, que se deve acolher e amar; mas a própria estrutura do lugar é de certo modo revelação de uma presença a ser amada e respeitada (cf. o templo no centro).

- **Esperar a volta do Senhor,** é um elemento muito importante na espiritualidade daquele tempo. E por isto havia tantas formas de devoção para salvar a própria alma no momento do juízo final. Na *Regra* este medo e esta forma de preocupação têm outro registro. Trata-se de uma espera vivida com fidelidade serena, de coração vigilante e transparência em tudo. Mas a espera da chegada definitiva torna-se, sobretudo princípio inspirador para não absolutizar as normas e os resultados. Estímulo para uma identidade flexível e até mesmo nômade. "O quotidiano mover-se" até à Capela é sinal antropológico e topográfico de um caminhar rumo ao último encontro, totalmente transfigurados pela Palavra, pela Páscoa e pela fraternidade, pela sobriedade e pela vigilância.

- **Uma cristologia aberta a novas experiências:** justamente a falta de formas devocionais evidentes (num contexto muito fanático por devoções) e a atenção aos valores vitais da cristologia (Palavra, Páscoa, luta espiritual, serviço, fraternidade, etc.) indicam um caminho cristológico aberto e personalizado. O Carmelo que padroniza em algumas imagens a sua cristologia (p.ex. o Menino, o Mestre, flagelado, crucificado, eucarístico, Sagrado Coração) não é conforme a *Regra*. Quando, ao invés, sabe fazer sintonia da variedade de respostas e de símbolos, de figuras e leituras de Cristo, aí então é fiel ao *propositum*.

2. A luz da Palavra.

Uma preciosa confirmação desta cristologia no-la oferece o Evangelho de João: estou pensando no momento de se formar o primeiro grupo de discípulos (Jo 1, 35-51). Para completeza seria necessário incluir também as afirmações "cristológicas" do Batista. Normalmente lemos nesta página o processo vocacional: não está aí toda a verdade desta narrativa.

- **Múltiplos títulos dados a Jesus:** notemos que há uma dezena de títulos diversos dados pelos discípulos para indicar o que encontraram e o que querem comunicar. Começa João Batista



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

por chamá-lo "Cordeiro de Deus". Depois os dois discípulos o chamam de "Mestre" (Natanael também dirá o mesmo). André fala dele a Simão e o chama de "Messias". Filipe o descreve como "Aquele sobre quem escreveram Moisés e os profetas"; e acrescenta dados anagráficos: "Jesus, filho de José de Nazaré". Natanael, enfim, o admira como "Filho de Deus e Rei de Israel" Mas até Jesus mesmo se dá um título: "O Filho do homem". Poderemos ainda acrescentar alguns títulos dados pelo Batista um pouco antes: "Aquele que existia primeiro; o não habitado pelo Espírito", "o que batiza no Espírito" (v. 33s).

- **Ser discípulos** para João é uma caminhada para a verdade, uma descoberta progressiva, que se torna uma confissão proclamada. Cada um contribui com a sua sensibilidade mais aberta (o Batista e André) ou mais tradicional (Natanael e Filipe). Não se trata de afirmações teóricas, de palavras já confeccionadas, que se repetem. Trata-se de uma convicção amadurecida por dentro, conservando e refletindo, interpretando. A fé que anima a comunidade nutre-se e se consolida com o caminho de fé de cada um.

- **Fruto dos microprocessos pessoais** de reflexão e discernimento, de assombro e dúvida é a nova comunidade. Quem encontrou alguma coisa que o "tocou" por dentro comunica-o de maneira pessoal e convicta. A primeira carta de João também ainda recorda este processo de verificação e de comunicação (cf. Jo 1,1-4)

- **Na Regra** podemos também ver que não se impõem títulos que vinculam quanto, de preferência, horizontes em cuja direção perscrutar. Depois cada um, conforme os carismas encontram as suas preferências de imagens e de destaques. Prova disto são os nossos grandes Santos com a variedade de linguagem cristológica. É um modelo aberto, que nós também devemos assumir em vista de uma resposta pessoal e não repetitiva.

- **Na formação** justamente é necessário oferecer aos jovens a possibilidade de um encontro direto e pessoal, de uma resposta pessoal e original, não puramente repetitiva ou devocional. E cada um deve tornar-se mediação para o outro, seja com as palavras, seja com os gestos, para um aprofundamento e um encontro direto e iluminador (pensemos em Cefas-Pedro e em Natanael).

- **Até mesmo os próprios votos** devem ser lidos e apresentados como um *seguimento de Cristo* pobre, casto, obediente, mas também orante e missionário. Então não haverá setores para controlar com escrúpulo, com medo de pecar. Mas serão modalidades de seguimento e de adesão conformadora, como diz a VC: "A vida consagrada constitui memória viva do modo de existir e de agir de Jesus como Verbo Encarnado diante do Pai e diante dos irmãos" (VC 22). Aí está em jogo a diferença entre um comportar-se como "religioso" e uma maturidade de "crente": dentro deve amadurecer a "confissão" de fé.

Trabalho pessoal e em grupo:

- 1 - Conseguimos reconhecer este tipo de cristologia na *Regra*?
- 2 - Sabemos formar-se para uma adesão profunda e conformadora no seguimento, ou preferimos antes formas devocionais e práticas de piedade?
- 3 - O texto de João que é que sugere para a nossa formação?

2. EXIGÊNCIAS DE UMA VERDADERA FRATERNIDADE

1. Uma fraternidade redescoberta



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

Entre os melhores frutos da nova leitura da *Regra* devemos reconhecer a centralidade da *fraternidade*. Não como vida de comunidade de irmãos, mas como projeto intenso e dinâmico de uma vida fraternal como irmãos a ser vivida como um projeto aberto, uma *fraternização* de contínuo reforçada e constatada. Até mesmo as modificações para aprovação da *Regra* reforçaram este aspecto, aperfeiçoando-o e abrindo-o a dimensões novas, como a da pregação itinerante, a oração coral em comum, a mesa fraterna, as fundações na cidade. E, no entanto a tradição espiritual carmelita de tantos séculos enfraqueceu este sentido de fraternidade, fazendo dele unicamente um contexto, e não um núcleo de identidade.

- **O uso de "irmão"** mostra-se tão evidente e orientador no texto da *Regra* que a tradicional ênfase sobre o ascetismo pessoal e a solidão, a oração na cela e a purificação interior miniaturizada parecem difíceis de serem acolhidas hoje. A tradição seja conservada, mas orientada de maneira diferente: como exigência de uma fraternidade não puramente formal e de fachada. Cada um na sua cela e na fidelidade pessoal deve fazer os valores compartilhados atingir as profundezas do corpo, da psique e da alma. E assim ao encontrar-se entre os irmãos os partilha com maior transparência e riqueza.

- **Acolhimento e respeito das diversidades:** são de modo particular evidentes no texto da *Regra*, mas não é porque não se consegue convergir para pontos totalmente compartilhados. Antes se sabe distinguir as diversidades pessoais do medo da infidelidade: acredita-se que a fidelidade não é unanimidade, e que a liberdade libertada pela graça é capaz de manter o *propositum* compartilhado sem a ameaça de castigos e sem idolatrar a lei. A flexibilidade tão evidente não é em detrimento da fraternidade, mas para a sua vantagem. E se projeta ainda para fora ao aceitar a mesa hospitaleira (R 17), ao acolher os visitantes casuais (R 9), ao assumir a sabedoria secular das formas de oração e de sabedoria ascética (R 2,11,15, 21).

- **Um modelo alternativo de igreja:** podemos ver facilmente sobre o pano de fundo que a *"forma ecclesiae"*, que se pode delinear com os vários elementos de sabor eclesial, oferece o perfil de uma Igreja alternativa em comparação com aquela que então (Séc. XIII) se desposava e se queria impor. Em conformidade com os movimentos laicais, penitentes, horizontais nas estruturas - e à margem da Igreja então imperante

- **também os "carmelitas"** codificaram um modelo alternativo de Igreja, com poucas estruturas, nenhuma coação, muita flexibilidade e muita confiança recíproca. E o critério de avaliação da maturidade conseguida não consiste num perfil espiritual refinado, mas no pôr em prática a Palavra, tanto parte do *Prior* como dos outros (R 22-23). Estamos na linha de NMI 39: "Não há dúvida de que este primado da santidade e da oração não é concebível senão a partir de uma renovada escuta da Palavra de Deus".

2. Uma fraternidade que sabe administrar os conflitos com criatividade

É esta a imagem que gostaria de retomar dos Atos 6, 1-7. Trata-se da primeira crise comunitária séria: quando os helenistas se lamentam de que as suas viúvas são preteridas na distribuição de todos os dias. Conhecemos bem a história de tal descontentamento: mais do que a instituição dos diáconos, eu salientarei o modo como o conflito foi administrado. É muito instrutivo para os nossos conflitos.

- **Uma confusão de funções** por culpa da mania de protagonismo: os Doze tinham tudo sob controle; mas assim como estavam sempre entrando e saindo de prisão, as coisas não podiam funcionar bem. O crescimento tumultuoso dos fiéis começava a pôr também à mostra as



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

diversidades culturais: ao lado dos judeus eram também vigorosos os *helenistas*, que tinham as suas sinagogas, mas deviam agüentar a predominância dos costumes e da língua local (hebraico-aramaico). A discriminação das viúvas era apenas a ponta do iceberg: havia uma questão de pluralismo cultural que avançava.

- **O reconhecimento da seriedade do problema:** o descontentamento podia levar à divisão; mas os Doze souberam evitá-la, aceitando refletir e questionar-se. O mal-estar tinha fundamento e, em parte, era culpa deles. E o reconhecem sem medo. Reencontram com mais clareza o próprio lugar: presidir à oração e ao ensinamento com autoridade. Para eles também o conflito foi uma ocasião positiva e esclarecedora.

- **A solução é entregue à co-responsabilidade:** pedem que sejam escolhidos e apresentados homens estimados e cheios do Espírito e de sabedoria (administrativa), para confiar-lhes este encargo. A escolha, afinal, se manifesta também de tipo cultural: os nomes todos são gregos; e o último não é de plena nobreza (*prosélito*: de origem não judaica, mas convertido). O grupo helenista vai participar também da responsabilidade.

- **Acolhimento das indicações e solidariedade:** as escolhas feitas pela base são aceitas pelos Apóstolos com pleno respeito e solidariedade. Assim é instituído um novo ministério, sobre o qual Jesus não havia falado. O descontentamento trouxe clareza para todos e corresponsabilidade alargada. Se tivesse sido mal administrado ou rechaçado?...

- **Liberdade de ação até missionária:** interessante notar que os 7 "diáconos" (mas este nome não está no texto) não se limitam às mesas (até mesmo nem sequer se fala mais deste serviço). Eles aparecem logo muito ativos na pregação e no testemunho. Estevão se manifesta um pregador e um taumaturgo de grande sucesso (At 6,10) e será também o primeiro mártir. Filipe aparece como um pregador itinerante: na Samaria e na estrada de Gaza (At 8,5-40). Isto quer dizer que receber uma função específica de serviço não impede viver também plenamente as exigências do testemunho missionário.

- **Não existem conflitos que destruam a fraternidade,** mas um modo errado de administrá-los. Depende do medo de se questionar, do apego à própria função, da desconfiança de toda voz não de acordo ou bajuladora.

3. Repensar a relação sacerdotes-irmãos sob novo ponto de vista.

Parece-me que podemos aplicar à nossa situação este episódio dos Atos dos Apóstolos na questão do relacionamento entre carmelitas sacerdotes e carmelitas irmãos. Temos até agora refletido pouco sobre este aspecto: que pelo contrário é fonte de muitas tensões e de algumas confusões na identidade. Para muitos, ser *sacerdotes* e, conseqüentemente, exercer um ministério "sacerdotal" é muito mais importante que ser "religioso". E daí nascem descontentamentos e crises espirituais e práticas se "não há nada para fazer", no sentido de "trabalho pastoral". Donde o apego às paróquias: visto que não se saberia como viver o sacerdócio sem sacramentos e atividades paroquiais.

- **No princípio éramos todos iguais:** na *Regra* está claro. Não há distinção entre sacerdotes e não-sacerdotes, mesmo porque éramos um grupo de leigos em penitência, como resulta dos documentos históricos. Mas já no Monte Carmelo alguém demonstrou estar buscando a ordenação sacerdotal (cf. a licença de suspender a excomunhão a quem se fizera ordenar escondido). Entrados na Europa colocamo-nos na trilha dos *mendicantes*, que justamente naqueles tempos se estavam "cleralizando". E assim, pouco a pouco, se impôs uma



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

clericalização sempre mais maciça, e a atividade tornou-se atividade de pastoral (e mais tarde *paroquial*). Em 1294 foi definitivamente tirada a voz aos irmãos nas eleições. E completou-se o processo.

- **Hoje os irmãos são uma pequena presença:** às mais das vezes com funções subordinadas ou confusas. Parecem "irmãos" fora de esquema. Entretanto, olhando para as origens, são os mais fiéis às intenções dos inícios. A própria oração, que deveria caracterizar o Carmelo, é o lugar onde, não a fraternidade, mas a diferença "clerical" se faz evidente. Não se reza como iguais, mas com distinções sacras, estranhas ao *propositum* de uma fraternidade horizontal e co-responsável.

- **Retornar à fraternidade das origens?** Creio que esta exigência deveria crescer e tornar-se uma consciência viva por amor à autenticidade. Mas também por outra razão: há necessidade de propor um modelo de Igreja mais fraterna e mais solidária enquanto cresce em muitos a ânsia de clericalismo e de separação. O convite do Vaticano II a "reconhecer e conservar fielmente o espírito e as intenções próprias dos fundadores" (PC 2b) nos autoriza a abrir este dossiê. Ainda é possível viver o propósito inicial de ser um modelo alternativo de Igreja?

- **Repensar a forma de sacerdócio:** temos um modelo de sacerdócio que se foi restringindo nestes decênios à forma diocesana e paroquial. Devemos refletir se é este o único modelo possível. Na história da Igreja existem outras modalidades de participar do único sacerdócio de Cristo: o sacerdócio missionário e o da direção espiritual não são inferiores ao diocesano. Devemos redescobrir modalidades mais dinâmicas e carismáticas de viver o sacerdócio: a excessiva paroquialização nos privaram desta possibilidade pioneira. Tanto mais perigosa a situação numa Igreja atual, que coloca toda a sua força institucional na estrutura diocesana, absorvendo nela todas as variedades.

- **A formação não dá muita atenção a isto.** Creio estar aqui uma grande fonte dos equívocos e das dicotomias na vida carmelitana. Vimos sendo formados para sermos irmãos de verdade em linha horizontal e no seguimento de Cristo de maneira direta, sem outras sobre estruturas como o sacerdócio? Ou, pelo contrário, toda a formação tem por paradigma o tornar-se sacerdotes (e só por acaso e por desprazer não sacerdotes): e, a respeito de sacerdócio, o modelo e os valores são os valores típicos da pastoral diocesana. É necessário elaborar uma teologia do sacerdócio não ligada unicamente à pastoral da igreja local, e da atividade dos vigários. Cristo, fonte e ápice do nosso sacerdócio, nos propôs um exercício "sacerdotal" bem mais amplo e original em comparação com o exercício diocesano do sacerdócio. Mas os próprios formadores não têm a mais pálida idéia de que coisa é isto.

- **Aproveitar-se das possibilidades abertas:** existem hoje possibilidades de realizar corresponsabilidade entre irmãos e sacerdotes de maneira nova. Pode-se alcançar que se nomeie prior um irmão, em algum caso excepcional pode-se talvez conseguir também um provincial irmão. Seria preciso favorecer esta possibilidade até o máximo do permitido. E até a abertura ou o fechamento das casas deveriam ser pensados e iluminados por estas preocupações, e não só pela possibilidade de os sacerdotes trabalharem na pastoral ordinária.

Trabalho pessoal e em grupo

- 1 - Estamos convencidos de que a nossa seja uma vocação para a fraternidade?
- 2 - Que nos ensina a página dos diáconos quanto aos nossos conflitos?
- 3 - Como repensar a relação carisma carmelitano e sacerdócio?



3. MEDITAR NA LEI DO SENHOR E VIGIAR EM ORAÇÃO

Eis grande tema carmelita: até as pessoas menos instruídas sabem que o ideal carmelitano é o da vida de oração. E em torno deste ponto focal deveriam convergir todas as outras coisas: o horário, a moradia, a formação espiritual, o sentido da maturidade espiritual, a direção espiritual, o apostolado. Não vou entrar em toda esta literatura, que muitas vezes é mais apologética do que útil. Quero tocar neste argumento sob um outro ponto de vista

- **Uma tradição de conflitos e de hipocrisias:** se é grande a glória para o Carmelo neste campo - e disto ninguém duvida - é preciso também reconhecer que as hipocrisias não faltam. E também são abundantes as manipulações. A primeira hipocrisia é a de uma vida real que na verdade não parece dar esta importância à oração e à meditação assídua a Palavra, da qual nasce o vigiar nas orações. A solidão da cela era vista - e é vista ainda tantas vezes - como a ocasião para se rezar um pouco, qualquer que seja a forma de oração. Ao contrário, segundo a Regra, se está na cela, sobretudo para meditar na Palavra, e fazê-la florir numa resposta orante e perscrutadora (vigilantes: R 10. Sobre a solidão, o silêncio, a oração mais ou menos intensa forja-se tantas histórias no Carmelo: em nome do espírito primitivo, das não-mitigações, da perfeição, etc.

- **Uma releitura das intenções** originais do carisma nos ajuda a superar razões de polêmica e a reencontrar um sentido novo para esta característica do Carmelo. Na releitura nova da *Regra* os capítulos 10-17 formam um bloco único, e representam o modelo de Jerusalém. E, por consequência devem ser interpretados numa unidade dinâmica. Se assim fizermos, veremos bem como a Palavra ouvida e meditada na solidão floresce em oração vigilante e em louvor sálmico, mas também em partilha dos bens e dos sentimentos do coração. E tudo encontra o seu vértice na celebração eucarística, que é plenitude do que a Palavra anuncia e promete, e fermento para que a vida se transforme em *koinonia* e seja transfigurada na sobriedade e na solidariedade em nome da Palavra (cf. a pregação itinerante: R 17.

- **A oração como vigilância:** não pode ser interpretada como um tempo noturno roubado ao sono para rezar. Mas antes como uma gramática do desejo: acende-se no coração a certeza de uma presença e de um projeto, cujos contornos se procuram na práxis (louvor, partilha, páscoa diária, reconciliação, luta espiritual, ascese flexível, etc). Mas também se propõe fazer de toda a existência uma espera vigilante, um estar de sentinela, apaixonados e implorantes. Não é, portanto, a quantidade ou o método que faz do Carmelo uma comunidade orante. Mas este coração que vibra e espera, perscruta e implora, purifica-se e põe em prática a Palavra.

- **Orar como Igreja e em nome da Igreja:** este é na realidade o verdadeiro sentido da vocação carmelita à oração. Uma oração não de horários e de tamanho, mas de coração que ama e que implora, de paixão pelo Reino que trabalhosamente se faz luz na história. Orar como Igreja é principalmente deixar-se amar e convocar,, falar ao coração e salvar por meio da Palavra e da mesa eucarística, da solidão e da corresponsabilidade, do trabalho e do silêncio, da fidelidade à sabedoria dos séculos e da abertura ao novo que vai chegando. Se relermos os nossos grandes mestres sob esta perspectiva, encontraremos muitas confirmações, mas também um convite a mudar de esquema.

- **Uma oração teologal e não só orações:** olhando-se bem para a *Regra*, mas ainda para a nossa história e a nossa espiritualidade, descobrimos que a oração nunca se desprende da história, antes está entrelaçada dentro da história, impregnada de história. Reconhecemos que Deus está fazendo crescer os seus desígnios dentro da história: rezamos desde dentro da nossa



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

experiência de Filhos, e Cristo primogênito reza conosco e em nós. Verdadeiramente rezamos antes de tudo com esta consciência, nele reconhecendo misericórdia, perdão, ternura, fidelidade. A síntese é a oração do *Pai Nosso*, que justamente vale tanto quanto o breviário inteiro.

- **Uma oração eclesial:** enquanto fruto do Espírito, que anima a Igreja conhece os seus gemidos e aspirações, e os eleva em nosso favor até onde está o Pai (Rm 8,26). Trata-se certamente de uma experiência pessoal autêntica, que nasce do coração e da interioridade, mas não se fecha sobre si mesma, exprime ao mesmo tempo a comunhão dos irmãos, dos filhos de Deus, do edifício espiritual que vai crescendo sob a guia do Espírito. Não percamos de vista a função central da capela dedicada a Maria: a oração, que nasce na interioridade de cada um, tende por sua natureza a se manifestar em expressões compartilhadas por todos, como expressão coral de uma família, de uma comunidade.

- **Uma oração que é via para crescimento em humanidade:** retenhamos que hoje é muito importante colocar a nossa atenção sobre o dinamismo do crescimento na autoconsciência cristã através da oração e o orar. Para que todos nos demos conta de que aqui justamente está uma das grandes dificuldades da nossa oração: que ela se torne não só um problema de quantidade e de tempo, de fórmulas e de gestos, mas sobretudo de crescimento dinâmico, de maturidade global. A *Regra* propõe-nos uma experiência unificada e unificante com o mistério da salvação, que se realiza no tempo e caminha para a plenitude do Reino escatológico. O escopo final é uma existência *transfigurada*, em que tudo vem à luz em síntese: é este o sentido dos últimos três capítulos do texto. E nós devemos ajudar os jovens a se encaminharem até este modelo, dinâmico, co-envolvente, sem perigosas dicotomias. Se, pelo contrário, a nossa preocupação é a de ensinar as descrições metodológica e psicológicas dos nossos mestres, nós nunca formaremos orantes de coração vigilante.

2. A palavra é uma lâmpada para os nossos passos [cf. Sl 118 (119) 105].

Queremos completar esta nossa exposição mais uma vez com um texto bíblico, que talvez raramente tenhamos lido. São alguns versículos do *Sirácide* 35,9-18. Limite-me a algumas anotações para ajudar na interpretação.

- **A hipocrisia do culto sem justiça:** não se pode separar o culto a Deus do modo de viver, seguindo uma moral dupla. Deus não se deixa enganar pelas aparências quando se oferece os frutos de ações perversas. Não basta rezar pessoalmente com intensidade, é preciso saber distinguir a desonestidade em tantas situações e não concordar com a hipocrisia.

- **O semblante alegre, com ânimo bem disposto:** não há verdadeiro diálogo com Deus se não existe amor e alegria ao fazê-lo, desejo de encontrá-lo. No constrangimento e no medo não floresce verdadeira oração. Mas a alegria nasce também da resposta de Deus, gratuita e generosa. "Bela é a misericórdia no tempo da aflição: é como nuvens que trazem a chuva no tempo da seca (Sr 35,24)".

- **Deus ouve a prece do oprimido:** a Escritura Toda no-lo testemunha. Deus conhece e escuta a súplica e o desabafo. Quer dizer que é lícito desabafar-se e gritar; mas também que aquele que ama a Deus deve aguçar os próprios ouvidos e abrir o próprio coração para escutar como Deus e a reagir como Ele, "restabelecendo a equidade".

- **Rezar com o corpo:** notemos a ênfase corpórea deste modo de orar. Reforça o sentido da luta, da fadiga, da solidão; é também expressão de uma fé tenaz e confiante. É o corpo todo e a vida que se fazem oração; não é apenas um dizer orações de qualquer maneira.



COMISSARIADO DO PARANÁ:
Fraternidade que se abre ao Mistério
www.freiscarmelitas.com.br

- **Caminho de crescimento.** Seja para quem implora e desafia as nuvens para se fazer escutar, seja para a história da humanidade, a oração do humilde toma-se graça que abala as injustiças e faz realizar a justiça e a misericórdia. Bartolomeu de las Casas foi justamente lendo este texto que se converteu de clérigo conquistador em profeta dos oprimidos.

Trabalho pessoal e em grupo:

- 1 - Estamos convencidos de que devemos repensar o sentido da nossa vocação para a oração?
- 2 - Como tornar-se Igreja orante e não só fazer orações?
- 3 - Como crescer em humanidade e solidariedade rezando?